

Histórias de famílias entre o tempo histórico e o tempo biográfico

Estratégias, objeto e método

*Family histories between
historical and biographical time:
strategies, object and method*

JORGE A. GONZÁLEZ*

* Professor do Programa Cultura da
Universidade de Colima, México.
Tradução de Eduardo T. Pánik

Resumo Abstract

Este texto está baseado no Protocolo para organizar o trabalho de campo para as histórias de famílias que foi utilizado em 1994 na pesquisa nacional *La formación de las ofertas culturales y sus públicos en México, Siglo XX* (cartografías, genealogías y prácticas culturales) e deve-se encaixar dentro de um diálogo aberto com a proposta das *Genealogías sociales comentadas y comparadas*, que, por meio de diversos documentos e materiais, gentilmente nos compartilhou Daniel Bertaux (NRS, Paris).

This text is based on protocol to organize field work for family histories used in 1994 in the national research *La formación de las ofertas culturales y sus públicos em México, Siglo XX* (cartografías, genealogías y prácticas culturales) and it should fit into a dialogue started with genealogías sociales comentadas y comparadas proposal, through several documents and material kindly shared by Daniel Bertraux (NRS, Paris).

Palabras-chaves: familias, tempo biográfico, genealogia

Key words: families, biographical time, genealogy

Antecedentes

Este trabalho apresenta algumas idéias, procedimentos e instrumentos que atualmente são discutidos e confrontados com os resultados de uma tentativa de pesquisa de alcance nacional sobre a formação de ofertas culturais e seus públicos no México durante o presente (e quase agonizante) século.

Não é nossa intenção oferecer um outro receituário, e sim mostrar a maneira como construímos e utilizamos as histórias de famílias para ajudar-nos a pensar e identificar os processos de mudança e permanência, de lutas e negociações que se verificaram na sociedade mexicana neste século.

Documentar o passar do tempo através das gerações nos oferece uma perspectiva apenas em aparência parcial, localizada, única e irrepetível da vida social das famílias mexicanas deste século.

No entanto, o interesse da análise dos casos das histórias das famílias tem seu olhar fixo em construir a *dimensão fractal*¹ da singularidade estrutural de cada caso.

¹ A perspectiva que chamamos de *fractal* tem uma história recente que abrange desde a teoria das catástrofes e as equações de Mandelbrot até a tecnologia para a criação de hologramas e se aprofunda nos contribuições da moderna teoria dos sistemas complexos, autopoéticos, auto-referenciais, não-lineares, as estruturas dissipativas e as ciências cognitivas. “Provavelmente, o único modo de definir a sociedade seja por meio da existência de processos de realimentação não-lineares, o que significa que tudo o que um membro da sociedade faz tem repercussão no conjunto do sistema social”, aponta Ilya Prigogine em *Tan solo una ilusión? Una exploración del caos al orden*, Barcelona, Tusquets,

As histórias de família que procuramos elaborar são, antes de tudo, narrações que nos documentam a *não-linearidade* dos rumos da vida e, assim, cada família² ou indivíduo não é só um átomo do canto mais distante da sociedade, mas que, com proveito, pode tornar-se observável como um sistema em escala contido num complexo tecido de macro-estruturas que mais se assemelham a um holograma do que a uma cebola: cada fragmento desse holograma reproduz a totalidade³ da imagem. Assim, ela nos oferece diferentes níveis de interpretação — como qualquer outra história —, às vezes, contraditórios, às vezes, complementares com as interpretações comuns de primeira ordem que chamamos de *doxa*⁴ do mundo social que todos nós temos, compartilhamos e vivemos cotidianamente.

São precisamente essas interpretações da vida e do mundo que são vividas como *evidentes* pelas famílias, a matéria-prima sobre a qual nosso trabalho deve ser tecido. Nelas, achamos não só o registro, sempre seletivo e situacional, dos fatos e acontecimentos que marcaram a vida das famílias durante certo período, mas também nos defrontamos muito especialmente com o *sentido* elaborado e sedimentado desses fatos. É, por

1983. Esta perspectiva teórica e metodológica será desenvolvida em um outro texto. Como referência, pode-se consultar Jean Pierre Courtial, *Science cognitive et sociologie des sciences*, Paris, PUF, 1994; F. Varela, E. Thompson e E. Rosch, *L'inscription corporelle de l'esprit. Sciences cognitives et expérience humaine*, Paris, Seuil, 1993; I. Prigogine e I. Stengers, *Order out of chaos*, N. York, Bantam, 1984.

² Cf. J. González, “La telenovela en familia: una mirada en busca de horizonte”, en *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, vol. IV, nº 11, pp. 217-228 e também “Los sistemas de comunicación social (ideas sueltas para ponerle un cascabel al gato)”, en *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, vol. III, nº 7, pp. 271-288.

³ Durante séculos a ciência dedicou-se à objetivação da ordem *explicada* da realidade. Os desenvolvimentos citados acima forçam-nos a pensar melhor na relação complexa entre a totalidade e a ordem *implícada*.

⁴ Por *doxa*, entendemos os sistemas de interpretações de primeira ordem, isto é, não especializadas nem muito elaboradas, geradas no curso da vida social. Cf. Giddens, A. (1976), *Las nuevas reglas del método sociológico*, Buenos Aires, Amorrortu; e Thompson, J. (1990), *Ideology and modern culture*, Cambridge, Polity Press.

isso, o terreno de estudos sobre a cultura no qual situamos a pertinência da nossa proposta.

Sentido e estratégia

Por meio desta aproximação, pretendemos tornar observáveis um conjunto de trajetórias de redes sociais⁵ de indivíduos e de famílias diversas, às vezes nucleares, às vezes extensas, interligadas no tempo por relações de parentesco e afinidade, em um ambiente social, político e cultural complexo.

Esta perspectiva requer necessariamente informação sobre várias gerações — no mínimo, três — e a obtenção de registros de múltiplas fontes: orais, escritas, iconográficas, documentais etc., os mais detalhados possíveis, sobre a *maior* quantidade de pessoas ou casais de cada geração.

A nossa aproximação realiza-se por meio da recompilação de diferentes testemunhos de uma mesma família, sobre a sua vida passada ou presente, assim como as suas regras, valores, hábitos, condutas, estratégias, fracassos, conflitos e transmissões através do tempo e de uma geração à outra.⁶

Partimos do fato de que toda família ocupa um lugar em um *espaço social multidimensional* que a envolve e, em virtude da sua posição estrutural no próprio espaço, tem maiores ou menores possibilidades de acesso em seu tempo de vida a diversos tipos de recursos.

É só por meio de uma série de estratégias adequadas (ou inadequadas, com suas conseqüências igualmente negativas) que a família pode aproximar-se, controlá-los ou, ainda, apropriar-se deles e só assim, ao chegar o momento, esses recursos (ou sua falta) podem ser transmitidos aos descendentes.

⁵ Cf. Fossaert, R. *La société: les structures idéologiques*, Paris, Seuil, 1983, para o conceito de “redes ideológicas”. Veja também o excelente texto de A. Degenne y M. Forsé, *Les réseaux sociaux*, Paris, Armand Colin, 1994.

⁶ Cf. D. Bertaux e P. Thompson, *Between generations. Family models, myths and memories*. *International Yearbook of Oral History and Life Stories*, vol. II, Oxford, Oxford University Press, 1993.

Todos esses movimentos se verificam dentro de um complexo sistema de competência social generalizada, no qual cada subsistema (trabalho, cultura legítima, educação, saúde, religião, meios, diversão, abastecimento, alimentação etc.) tem as suas próprias regras e os seus próprios ritmos. Os juízos comuns sobre o que significa “fracassar” ou “triumfar” na vida referem-se geralmente à avaliação das trajetórias ascendentes ou descendentes dos membros de um tronco parental dentro desse sistema de competência. Na vida, se sobe ou se desce à custa de muito trabalho, energia, recursos e tempo, “mesmo que seja para ficar na mesma”.

Nosso trabalho será tanto mais rico quanto mais pudermos documentar as classes de jogos sociais “jogáveis” em um momento determinado, assim como os recursos que deveriam ser mobilizados e as regras que precisamos conhecer, possuir, operar com habilidade crescente para ter “entrada” e alguma probabilidade de êxito nesses “jogos”. Assim, chegado o tempo — junto aos recursos obtidos — possam-se *transmitir*.

Ao utilizar a palavra *jogo* não usamos nenhum eufemismo que pretenda disfarçar a crueza da vida social. Pelo contrário, implica o pleno reconhecimento desse sistema complexo de múltiplas competências, no qual cada indivíduo, cada família, cada instituição está profundamente involucrada — porém diversamente estabelecida e abastecida — para conseguir manter-se, melhorar ou pelo menos não piorar na vida social.

A documentação e reconstrução dos *contextos*, isto é, as regras, os jogos, os recursos etc. dentro dos quais se desenvolveu uma família em particular, são de um alto valor. Por isso, algumas vezes, esta técnica pode se apoiar proveitosamente em histórias de vida que penetrem em profundidade nos sentidos das trajetórias individuais.

Trabalhar a história de família é uma tarefa valorizada tanto pelo pesquisador quanto pelos membros da família, porque coloca em jogo a totalidade (sempre seletiva e avaliativa) da riqueza das *lembranças* familiares. Para poder construir essa história, temos que dar vários passos e gerar diversos produtos.

Escolha de informantes

Em cada família selecionada⁷ é preferível escolher, para o início desta etapa, a pessoa que tenha mais informação familiar e melhor disposição e habilidade para narrar. Estas, em geral, são mulheres de meia idade ou de idade avançada. É possível, também, entrevistar vários membros do grupo familiar e, assim, poder cruzar informação e completar algum dado ou informação contextual.

Não é aconselhável, salvo raras exceções, entrevistar jovens, pois sua memória e sua informação parental é escassa precisamente porque têm o olhar dirigido “para o futuro”. As pessoas de idade avançada geralmente têm orientações mais claras sobre o passado e — certamente para muitas delas — recordar as *faz voltar a viver*.

O trabalho propriamente dito começa quando fazemos contato com a família e marcamos uma série de encontros depois de ter exposto com clareza o objetivo de nossa busca e as metas que nos propomos. É bom observar as regras básicas do método da história oral com relação aos informantes, particularmente aquelas relativas às condições da entrevista, certa privacidade, horários etc.

Tipo de informação

Dos depoimentos que recompilamos, devemos levar em conta que não são somente informação pura dos dados da família e das suas trajetórias, mas que, ao mesmo tempo, vêm acompanhados, como assinalamos atrás, de juízos e interpretações de primeira ordem e, quem sabe, alguns relatos que nos pareçam invenções, justificações ou mitos.⁸ Lembremos apenas

⁷ Os critérios de seleção de cada família, obviamente, dependem do tipo de perguntas que se colocam na pesquisa. No nosso caso, fizemos uma seleção de dez famílias de cada cidade estudada e que cumpriam ao menos dois requisitos: ter morado nesse lugar durante todo esse século, ou seja, ao menos três gerações e, à medida que usamos também a técnica de histórias de vida, ter ao menos um membro vivo e entrevistável de cada geração. Para o protocolo de trabalho usado nessa área, veja Jesús Galindo, “Historias de vida: guía técnica y reflexiva”, en *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, vol. VI, nº 18, pp. 203-230.

⁸ Cf. R. Samuel e P. Thompson, *The myths we live by*, London, Routledge, 1990.

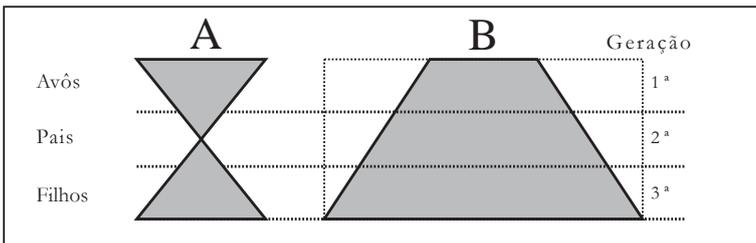
que todos os mitos são ou foram *reais* nas suas conseqüências para essa família ou pessoa. Tudo isso é de imensurável utilidade para nosso trabalho, inclusive as *mentiras* contadas para salvar honras familiares.

Unidade de observação

Como nossa pesquisa tem como objetivo gerar informação básica, descritiva e exploradora sobre a formação e transformação das ofertas culturais no México neste século, quisemos fixar nossa atenção não apenas em um indivíduo mas em uma parte da infinidade de vínculos de parentesco que unem a nossa sociedade. Nelas, interessa-nos analisar os efeitos da *mudança social*⁹ sobre os destinos individuais e familiares, assim como os processos de transmissão de diversos recursos dentro das famílias.

Por isso, a unidade de observação deve atingir no mínimo três gerações *in extenso*. O que significa que buscamos com que a forma dessa unidade seja como uma janela trapezoidal ou retangular, sendo dois triângulos unidos pelo vértice em forma de “xis”, na qual para baixo e para cima, partindo do casal base, o número de parentes multiplica-se de maneira desequilibrada, pois um casal sempre tem para acima dois pais, quatro pares de avôs, oito pares de bisavôs, e para baixo filhos, netos etc. em número geralmente maior que dois. (ver figura 1).

Figura 1: Formas da unidade de observação

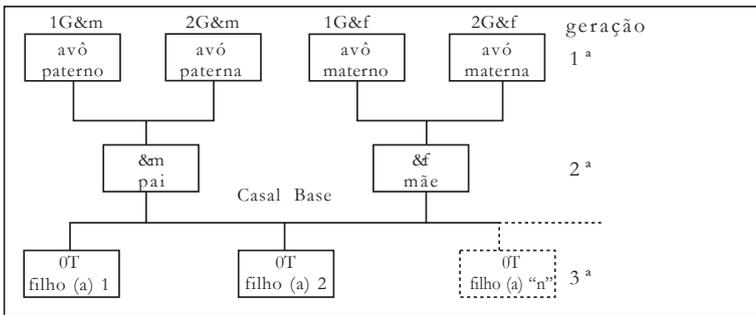


⁹ Cf. Charles-Henry Cuin, *Les sociologues et la mobilité sociale*, Paris, PUF, 1993.

Desta maneira, fica excluída a forma “A” (em xis) que **poderia** tomar nossa unidade de observação, por ter poucos elementos no centro e muitos nos extremos, e vamos construir uma janela com a forma “B”.

Para tais fins, começamos com um casal-base (“pai” e “mãe”) que estará no centro da janela. Ficam incluídos todos os seus “filhos” e os “avôs” (ou seja, os pais e os sogros respectivos do casal-base) (ver figura 2).

Figura 2: Família básica (forma em xis)



Com isto, temos já estabelecidos os três níveis básicos da nossa janela. Contudo, para observar as diferentes trajetórias dentro de uma mesma rede familiar, temos que acrescentar o número de parentes em cada geração para ter suficientes casos individuais em cada nível.

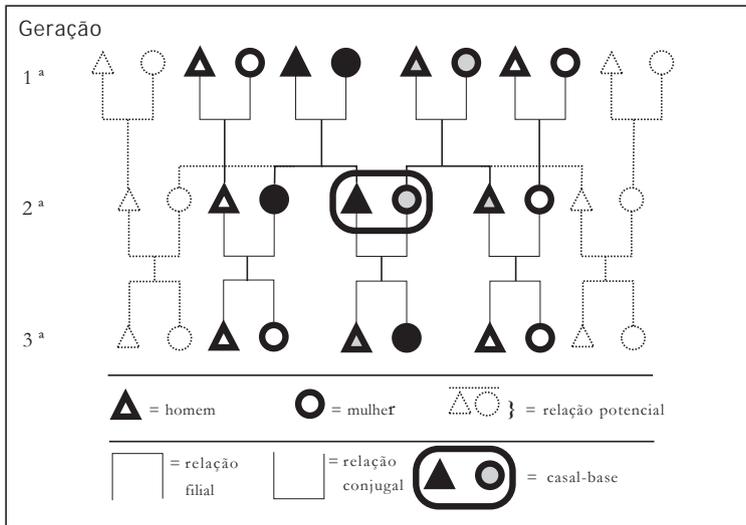
Se incluimos os irmãos da mãe (0S&f), seus cônjuges (0C0S&f) e filhos (0T0S&f) e os irmãos do pai (0S&m), seus cônjuges (0C0&m) e filhos (0T0S&m), isto é, todos os *cunhad*os, *concupn*hados e *sobrin*hos do casal-base, teremos pessoas suficientes para trabalhar na segunda e terceira gerações.

Finalmente, para poder povoar o nível mais alto (primeira geração), podemos incluir os pais dos cônjuges dos irmãos do casal-base (isto é, os *sogros* dos irmãos do pai e da mãe).

Trata-se de procurar informação sobre *o maior número possível* de parentes para que apareçam na janela. Esta deve, no

mínimo, conter de doze a vinte pessoas para que se possa trabalhar adequadamente (veja figura 3).

Figura 3: Rede familiar básica (trapezoidal)



Que procuramos na janela?

O trabalho com a família a ser estudada nos levará a fazer uma ou várias entrevistas com um ou mais membros da rede familiar. De cada membro e de cada casal desta rede trataremos de obter uma série de dados biográficos e uma série de comentários que serão registrados em fichas de trabalho de campo.

Fichas para dados biográficos HF1 e HF2

De cada membro e de cada casal que apareça na rede familiar deve-se fazer uma ficha de registro.¹⁰ Sabemos que não poderemos preencher todas as fichas satisfatoriamente, porque

¹⁰ É recomendável o uso de fichas de cartolina para bibliografia, tamanho 15x10 cm.

geralmente trabalharemos com informação oral, indireta e, por isso, com uma margem de precisão, às vezes, muito variável. A intenção é preencher tudo quanto possível, seja por meio de testemunhos de um só informante ou de informações cruzadas com outros informantes da rede.

As fichas devem ser preenchidas à mão, preferencialmente a lápis, para poder retificar ou corrigir dados. Em alguns casos, de algum parente só teremos uma ficha com o nome e o gênero e quiçá a geração a que pertence. Para outros, que têm muita informação, ao preencher o espaço disponível de cada ficha, a critério do pesquisador, abrir-se-ão fichas complementares que se identificam e numeram consecutivamente. Como a pesquisa prevê ao todo o manuseio de muitas fichas, as mesmas devem estar claramente identificadas na parte superior (cidade, pesquisador, família, parentesco e personagem).

Como a informação de cada casal e de cada indivíduo pode ser muito diferente, não podemos fazer uma ficha única, que sirva como modelo. Isto faz com que devamos utilizar ambas as fichas (HF1 e HF2) como guias indiretas de entrevista, cuja informação registra-se nas fichas de papel.

Focyp/Genealogias: Ficha de registro de casais HF1

Cidade: _____	Pesquisador: _____
Família: _____	Geração: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3

Cônjuge 1 (nomes e sobrenomes): _____

Cônjuge 2 (nomes e sobrenomes): _____

União (data e local): _____

Matrimônio: civil () religioso () ambos () não reconhecido ()

Separação (data, local e condições): _____

Descendentes (nome, gênero, ano e lugar de nascimento de cada filho, inclusive os mortos): _____

Residência (local data e mudanças): _____

FOCYP/Genealogias: Ficha de registro individual HF2

Cidade _____	Pesquisador _____
Família _____	Parentesco ¹¹ _____

Nome: _____ Geração: 1 2 3

Sobrenome do pai: _____ Sobrenome da mãe: _____

Gênero: _____ Religião: _____

Lugar de nascimento (localidade, estado, país): _____

Data de nascimento (d/m/a. se não tiver precisão, colocar o ano aproximado): _____

Escolaridade (se for possível, colocar o número de anos que foi à escola): _____

Comentários (E) (motivo, causas, problemas, melhorias etc.):

Profissões (anotar profissão, local e ano de cada mudança importante):

Comentários (P) (motivo, causas, problemas, melhorias etc.):

Casais (nome, ano, local, se houve ou não *matrimônio* civil, religioso ou ambos e número de filhos, enteados, dependentes ou adotados em cada união; ano de separação) (veja ficha HF-1):

Comentários (C): _____

Filhos (nomes, gênero e ano de nascimento de cada um e de cada união):

Comentário (F) _____

Deslocamentos (local, ano, motivo): _____

Comentário (D) (condições da casa, vizinhança, local etc.):

Código básico da metalinguagem GEPR

Predicados de sexo: 1 = Masculino, 2 = Feminino, 0 = Indiferenciado

Relações de parentesco: C = Cônjuge (esposo ou esposa); G = Genitor (pai ou mãe);

T = Tecnon (filho ou filha); S = Sibling (irmão ou irmã)

&m = Ego masculino; &f = Ego feminino; &i = Ego indiferenciado

Sintaxe: Sexo + Relação [+ sexo + relação...] + sexo de Ego.

Exemplos: 2C1 = mulher cônjuge de &m = esposa de &m

1G0 = homem genitor de &i = pai de &i

1C2S1 = homem cônjuge de uma mulher sibling de &m = cunhado de &m

n.b. É obrigatório colocar o sexo ainda quando possa parecer supérfluo.

¹¹ Aqui empregamos a notação da metalinguagem GEPR proposta por Cirese para o parentesco. Veja A. M. Cirese, *GELM: programma di calcolo delle relazioni di parentela, Informazioni*, 1993, Impressão parcial do hipertexto associado ao programa, Roma, Università degli Studi di Roma, 1993.

Comentários e relatos familiares

O processo de preenchimento das fichas vai sempre acompanhado de comentários e narrações dos diferentes parentes. Quando começamos a discutir sobre a história da família, é melhor que tentemos focar especificamente os seguintes aspectos: trajetórias, microculturas familiares, processos de transmissão e contextos sociais.

- *Trajetoórias sociais de vida*, não só como indivíduos mas como gênero, como irmãos, como pais, como esposos de uma mesma geração. Por trajetória entendemos

...o conjunto de movimentos sucessivos de um agente dentro de um espaço estruturado (hierarquizado), sujeito a deslocamentos e distorções ou, mais exatamente, na estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital que se disputam no campo, capital econômico e capital específico de consagração (em seus diferentes tipos).¹²

Nessas trajetórias, possivelmente, vão aparecer de maneira diferencial nossos campos e outros tipos de contextos sociais que nos interessa conhecer em particular. Estes contextos podem ser descritos como *jogos*: quais eram suas regras?, com quais estratégias foram confrontados?, como obtinham “êxito”?, isto é, como eram ganhos esses jogos?, quais os obstáculos e como eram atingidos os objetivos?, quem podia entrar na disputa, com que idades, em quais lugares e com quais recursos?

Não é inútil repetir que o que podemos obter são as *interpretações* de tais contextos e não a “*verdadeira*” descrição deles.

É muito importante que nessas trajetórias possamos documentar os projetos que fracassaram, isto é, aqueles que em um lugar e em um tempo determinado poram *previstos* como possíveis (por exemplo, estudar, fazer um negócio, casar, emigrar etc.), mas que não foram atingidos. São muito relevantes, pois ajudam a conhecer os limites das fronteiras do

¹² Pierre Bourdieu, *The field of cultural production*, London, Polity Press, 1993, p. 276.

campo de possibilidades de cada família como unidade e de cada rede como conjunto. De especial relevância são a trajetória conjugal (uniões e separações), a trajetória ocupacional (atividades, empregos, posição), a trajetória espacial (deslocamentos territoriais) e qualquer das possíveis trajetórias nos campos (educação, religião, meios, saúde, artes, alimentação, abastecimento e lazer) que em uma família ou membro tenham sido produzidos.¹³

• *Microculturas familiares*: Todas as famílias se formam, crescem e se desenvolvem dentro de um universo simbólico de *idéias-força* que dirigem a ação e as interações. Com elas, são marcados os limites do que *se pode* fazer, do que *se deve* fazer e daquilo que *tem* que ser feito para se atingir uma série de *objetos-valor* em uma vida. É por isso que temos que esclarecer, dentro das micro-histórias que nos relatam, que tipo de valores eram fomentados¹⁴ (trabalho, esforço, cultura, poder, dinheiro, artimanhas, fé, organização, tolerância etc.); quais atitudes eram favorecidas e quais evitadas, o que e como se punia; que e como se premiava? Em quais circunstâncias consideravam-se ameaçados? Qual o estatuto e papéis atribuídos aos gêneros (mulheres, homens) e às idades? Quais os objetos-valores negativos (situações, pessoas, espaços, tempos, ações e objetos) para serem evitados e prevenidos? Há também situações diferentes que marcam estes *microclimas familiares* (doenças, catástrofes, vícios, violência, mortes prematuras, abandono, super proteção etc.) que ajudam a conhecer melhor este aspecto.¹⁵

¹³ Cf. E. Berquó e P. Xenos, *Family systems and cultural change*, Oxford, Clarendon Press, 1992.

¹⁴ Cf. H. Medick e D. W. Sabeau, *Interest and emotion. Essays on the study of family and kinship*, Cambridge, Cambridge University Press/Maisson des Sciences de L'Homme, 1984.

¹⁵ Estamos na presença de processos e “climas” que constituem o “caldo de cultura” dos *habitus* que assinala Bordieu e dos mecanismos de produção antropológica que assinala Daniel Bertaux em *Destins personnels et structure de classe*, Paris, PUF, 1977.

Do mesmo modo, é possível que as pessoas nos dêem suas versões *ad-hoc*: em lugar de dizer o que efetivamente acreditam ter acontecido, dizem aquilo que acreditam que devem dizer numa entrevista para uma pesquisa. Tudo isso para não desencorajar ou aborrecer o entrevistador, o que é importante, pois encobrimento, suavização, esquecimento ou dissimulação de algum dos elementos de uma situação, tanto quanto o seu alarde, podem nos dizer muito sobre o clima vivido. Por fim, quando cruzamos informação com os testemunhos de outros membros da família, podemos completar as versões e, assim, ter um melhor conhecimento deste aspecto.

• *Processos de transmissão entre as gerações*

Dentro das diferentes famílias existem diversos tipos de recursos que os pais desejam ou “necessitam” *passar* para os seus filhos. “A cultura (...) não pode existir mais do que a condição de ser transmitida (com modificações ou sem elas, de geração em geração)”.¹⁶

Às vezes, isto se dá sem maiores problemas, pois o filho está disposto a “herdar” aquilo que lhe corresponde, isto é, a continuar o caminho traçado pela família. Contudo, às vezes, os interesses e perspectivas dos filhos não coincidem com o que seus pais querem fazer deles. Como já assinalamos, cada família tem um tipo diferente de relação, diferenciado em espécie e em intensidade com os recursos disponíveis de cada campo, em cada época e em cada lugar.¹⁷ Essa relação diferente se manifesta na distinta apropriação familiar (seja grupal ou individual) de tais recursos. Em certos casos, só se conseguiu isso por meio de enormes esforços e sacrifícios; em outros, com menos trabalho.

¹⁶ M. Segalen (coord.), *Jeux de familles*. Paris, CNRS, 1991, p. 218.

¹⁷ Como mostram com muita clareza nossas cartografias das ofertas culturais em cada cidade.

Essa relação se dá a todo pretexto e funciona como um capital (incorporado, objetivado e institucionalizado) que pode ser usado tanto (dentro dos campos) para acumular mais da sua mesma espécie (dinheiro, propriedades, títulos acadêmicos, conhecimentos musicais, remédios caseiros, relações mobilizantes ou influências em certo contexto, tradições religiosas, familiaridade com o consumo de certos artigos, receitas familiares, práticas de diversão e distinção etc.) quanto (entre os campos) para converter-se em outras espécies de capitais. É a situação da família no espaço social o que lhes permite ou nega, facilita ou dificulta, o acesso a eles.

É por isso que os relatos e juízos sobre as *transmissões* que se deram na família tornam-se chaves para entender as sinuosidades e permitem descrever as não-linearidades da história deste tipo de sistema complexo.

- *Contextos sociais*

Junto ao exposto, é muito valiosa toda informação ou avaliação que se recupere com relação aos *contextos sociais* nos quais desenvolvem-se as estratégias de vida de indivíduos e famílias, nos quais foram vistas e avaliadas as oportunidades, realizadas transmissões, formadas trajetórias e decididos os diferentes ou similares destinos de uma rede familiar.

Este é o lugar em que o *tempo histórico* (internacional, nacional, regional ou local) afeta e influi sobre o *tempo familiar* e o *tempo individual* para definir os cursos e trajetórias das vidas.¹⁸

Cada estrutura familiar pode assimilar de modo diferente o mesmo tipo de perturbação externa e, por isso, a sua própria estrutura e dinâmica interna serão afetadas em maior ou menor grau.

Se consideramos a família como um *espaço social*, isto é, como um sistema complexo de relações e posições objetivas

¹⁸ Tamara Hareven, *Industrial time and family time*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

com uma dinâmica interna irredutível a fatores externos, devemos, ainda assim, ter em conta as diferentes escalas de perturbações ou flutuações externas que aceleraram, atrasaram ou impediram a mobilidade e as transformações da família. Estas podem ser condições naturais (por exemplo, terremotos, erupções etc.), sociais (guerras, invasões, migrações etc.), sanitárias (epidemias, fomes etc.), ecológicas (esgotamento de recursos, etc.), e cada família tem um elenco variado de tematizações sobre o assunto dentro da sua memória coletiva.¹⁹

Tratamos, melhor, de descrever, identificar e *compreender*²⁰ os fenômenos, mais do que medi-los com aguda precisão.

Também é mais importante o conteúdo das observações do trabalho de campo do que a forma exata da unidade que estamos pesquisando.

Para poder identificar as trajetórias, devemos incluir várias linhagens dentro da nossa janela de observação. As trajetórias e as transmissões — cuja continuidade ou descontinuidade formam as linhagens — tornam-se observáveis por meio do genograma.

O genograma: um olhar pancrônico

Para poder elaborar adequadamente uma história de família, além dos registros pessoais e conjugais de nossa rede familiar, antes de relatar nossa versão dessa história, temos que ser capazes de observar de maneira global o conjunto de relações e propriedades da nossa rede-objeto. Com toda a informação anterior, registrada e ainda em processo de registro, começamos a elaboração gráfica de nossa janela de observação: o genograma.

A construção do genograma requer poucos materiais.²¹

¹⁹ Cf. J. Fentress e Ch. Wickham, *Social memory*, Oxford, Blackwell, 1992.

²⁰ Cf. P. Bordieu, *La Miserie du monde*.

²¹ Nós o fizemos sobre folhas de papel milimetrado, pois facilita a incorporação da dimensão temporal, vital para realizar o genograma requerido.

A dimensão temporal

Ao observar novamente a figura 3, facilmente, poderemos perceber que é um modelo sincrônico, isto é, que não tem dimensão temporal incorporada de maneira gráfica. Para fazê-lo, vamos seguir uma série de passos e operações que enumeramos a seguir.

Na margem esquerda do papel milimetrado, são marcados os anos e décadas.

Se temos este primeiro modelo construído no qual só aparecem os anos de nascimento, poderíamos acrescentar os nomes e juntar alguns dados sobre a trajetória conjugal (uniões e rupturas), educativa (anos na escola), ocupacional (trabalhos e datas), espacial e algumas outras características dos parentes mais relevantes no gráfico. Desta maneira, convém realizar um rascunho considerando apenas a linha materna e outro para a linha paterna.

Uma vez atingido um primeiro esboço do que será o genograma para o trabalho, em que aparece no mínimo os anos e os nomes, é possível usar o genograma para rastrear algumas das trajetórias e identificar os processos de transmissão.

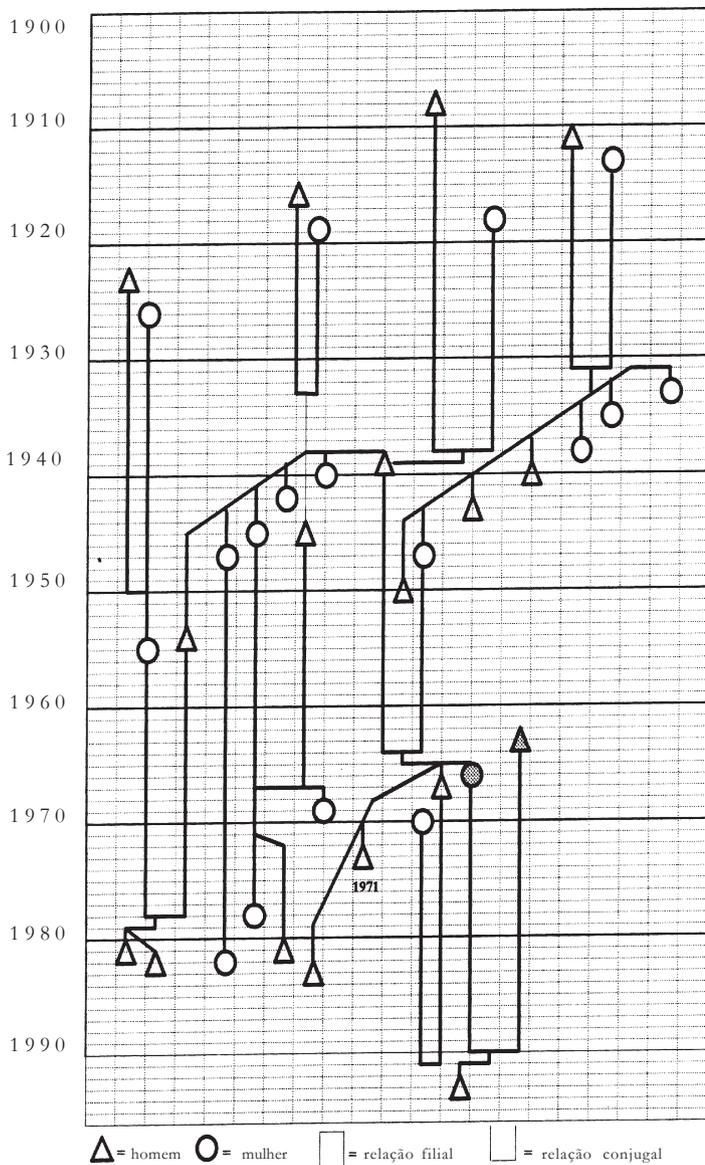
Podemos, assim, utilizar o nosso gráfico para vários fins.

O objetivo deste gráfico é, precisamente, ter uma visão esquemática mas holística das relações; quanto melhor for feito o genograma, melhor visão teremos dos processos e das trajetórias que queremos observar.

O genograma nos mostrará as relações parentais básicas e, ao mesmo tempo, a inscrição do tempo biográfico (as vidas) no tempo histórico.

Quando aparecer algum personagem com uma das trajetórias muito complexa, podemos fazer um genograma auxiliar horizontal. Este se realiza de modo similar ao anterior, mas nele só aparece um único personagem (ou família, se for necessário), ao que são traçados seus eventos e mutações dentro do leque de trajetórias que servem como base, isto é, ocupações, uniões, espaços etc.

Figura 4: Genograma com dimensão temporal



Neste exemplo, coloca-se em gráfico a primeira parte de um dos galhos da família.

FOCYP/HF/Genograma auxiliar horizontal

Trajetória	1966	1972	1976	1978	1979	1981	1983	1994
Ocupacional			Professor de Música Professor de Sociologia Professor de Filosofia		Docente/Pesquisador		1982 →	
Espacial	Col del Valle, 1969; Toluca, 1970; Cd. Sahagún, 1976; Col Condesa, 1977; Guerrero, 183						Durango Dez 1983 →	
Conjugal				Casamento México, 1978	Primogênito DF, 1979	Filha mais nova DF, 1981		
Escolar	1º e 2º grau	Engenharia Sociologia, UNAM Prepa.		1979-1981, UNAM			Doutorado Filosofia 1982-1984 Harvard	

1956

O relato da história de família

Já dissemos que não há esta coisa de única e verdadeira história da família. Existem diferentes versões e narrações, micro/micro histórias.

É justamente o trabalho do pesquisador (a coerência das suas perguntas, a qualidade da sua informação, a quantidade disponível, os modos de sistematização etc.) que prevalece nesta história.

Para começar, não se deveria iniciar o relato da história familiar sem que se tenha feito um rascunho do genograma e sem que se tenha, com clareza, uma cronologia básica de eventos familiares. Ao ter as fichas e a representação gráfica da especificidade da rede familiar, podemos começar a recontar as histórias.

Há algumas recomendações gerais para a redação:

a) Extensão limitada: trata-se de interpretar e compreender o sentido de uma história familiar, embora cada história possa ser um livro,²² as histórias de famílias que requeremos podem ser muito menos extensas.

²² No México, cf. L. Adler Lomnitz e M. Pérez Lizaur, *Una familia de la élite mexicana. Parentesco, clase y cultura 1820-1980*, México, Alianza, 1993 e também C. Tello Díaz. *El exilio: un retrato de familia*, México, Cal y Arena, 1994.

b) Começar pelas gerações mais antigas e terminar com as mais novas.

c) Dividir a árvore genealógica em blocos (ramo *materno*, ramo *paterno*, segundo já apontado), respeitar a cronologia dentro de cada bloco.

d) O conjunto do texto deve ser centrado em um casal, preferencialmente de idade média ou avançada.

e) Inserir um número máximo de resumos das entrevistas para escutar a voz dos protagonistas.

f) É muito importante desenvolver as descrições dos contextos, pois é neste nível que se definem e aprendem as regras do jogo de competências múltiplas e diferenciadas.

g) Podemos enriquecer o texto com fragmentos de notas e comentários sócio-históricos que no rodapé auxiliam o leitor a compreender a história.

h) Uma vez descrita a história de família, podemos agregar uma série de comentários sociológicos de interpretações sobre o vivido.

Narrar histórias é uma habilidade adquirida, não um *dom*.

A idéia básica é poder contar uma história para que outros possam compreender de maneira clara e imediata.

De novo, vamos insistir em que, antes de começar a redação da história de família, devemos ter uma visão da totalidade da informação (fichas, genograma, cronologia etc.), pois nela vamos colocar uma relação de datas, eventos, condutas, descrições, avaliações, comentários e interpretações de primeira ordem, que nos foram dadas em separado. Este motivo é suficiente para sublinhar a necessidade de ler e reler muitas vezes todo o material, para dar tempo de aparecerem, lentamente, na consciência do pesquisador, os padrões de sentido escondidos nele.

Dois erros devem ser evitados:

a) Não dedicar tempo necessário à fase analítica e perder o ponto de vista configuracional deste caso como totalidade, e

b) dar pulos bruscos de um galho para outro ou de uma geração para outra, sem aviso prévio ao leitor.

Na história de família devemos tentar reconstruir, por meio de testemunhas, comentários, referências etc., as lógicas da vida familiar. Isto só se obtém quando nos concentramos na narração de cada uma das famílias da rede parental e relacionamos as etapas do ciclo familiar, por exemplo, com as mudanças nas carreiras profissionais dos esposos.

Para poder narrar em ordem cronológica, o genograma deve mostrar de maneira clara e visível a ordem de nascimento dos irmãos de uma família. Assim, começa-se a narrar desde o mais velho até o mais novo dos irmãos, até concluir com essa família. A operação se repete com cada núcleo familiar que compõe ou aparece em nossa janela de observação.

Tendo todas, pelo menos, relativamente *claras*, escolhe-se uma ou duas famílias testemunhas, evidenciam-se os eventos mais relevantes e as relações, e só depois começa-se a fazer propriamente a história, a partir das anteriores.

Uma vez que incluímos o *tempo familiar* e o *tempo histórico* (por meio da localização diacrônica no papel milimetrado) aparece o problema do espaço.

As pessoas que moraram juntas em unidades de residência por um tempo são as nossas unidades narrativas básicas. Deste modo, a narrativa da história de família terá tantas partes quanto famílias nucleares ou unidades domésticas houver na rede. Uma família deixa de ser nuclear quando os filhos vão embora e deixam por qualquer motivo de morar juntos, quando a unidade doméstica de consumo e produção se fragmenta.

Ao escrever sobre cada leque de famílias, temos que tentar descrever os cenários locais, o contexto local, os lugares nos quais moram as pessoas: se for no campo, descrever a região, o tipo de agricultura, a natureza, tipo de assentamento, de moradia etc. Se for na cidade, igualmente descrever o contexto urbano, os prédios, o tamanho do apartamento, a vizinhança etc.

É altamente recomendável acompanhar o tempo cronológico tanto quanto seja possível.

Do mesmo modo, é recomendável muitas vezes tomar distância do ego inicial e contar a história em função do personagem mais interessante.

Síntese

Em resumo, a partir de relatos e informações variadas, construímos uma cronologia familiar e diversas fichas. Uma vez começada ou terminada a fase de fichas, elaboramos o genograma.

Com isto teremos, como já foi dito, uma perspectiva global única para trabalhar a história de família.

Figura 5: Síntese da proposta

